

SOLIDARIEDADE S.A. Líder no setor de cosméticos, empresa não apenas dá recursos como também participa da gestão das escolas

Natura ajuda a educar 120 mil alunos

JOSÉ MARIA MAYRINK

SÃO PAULO — A opção por uma ação efetiva na área social acompanhou a virada estrutural da Natura, que em 1989 deixou de ser um conjunto de empresas para se transformar num poderoso grupo econômico, com ramificações por todo o país. Dona de um volume de negócios da ordem de US\$ 915 milhões, a empresa cresceu cinco vezes nos últimos cinco anos e lidera atualmente o setor de cosméticos com uma venda de 61 milhões de unidades de produtos no mercado brasileiro.

"Quando demos essa virada, começamos a refletir sobre a nossa identidade e chegamos à conclusão de que o sucesso e a longevidade da Natura deveriam estar ligados a um

projeto de serviços sociais à comunidade", disse o vice-presidente da empresa, Guilherme Peirão Leal. Ao optar pelo envolvimento social, a Natura deu prioridade à educação, sempre em parceria com outras instituições.

Atualmente, a empresa investe em 37 projetos que contribuem para elevar o nível de ensino básico em 745 escolas, com um total de 120 mil alunos, de 17 estados. Os recursos, cerca de R\$ 2 milhões por ano, vêm do Programa Ver para Creer, criado em colaboração com a Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança.

Pioneira na adoção do sistema de venda direta para distribuição de seus produtos, a Natura envolveu no programa um estupendo contingente de mão-de-obra: um exército de 170 mil revendedoras de seus produtos. São

elas, informa Guilherme Leal, que distribuem os cartões de Natal, camisetas e embalagens para presente, nas campanhas de captação de fundos para financiamento dos projetos.

A única despesa é o baixo custo do material, pois as revendedoras trabalham com o seu tempo para oferecer os kits da promoção nas visitas às clientes. As revendedoras estão entusiasmadas com o trabalho, pois acreditam que assim estão dando uma parcela de contribuição aos projetos sociais, como se fossem elos de uma corrente de solidariedade que se espalha pelo país. A parceria vai mais longe, porque envolve também gráficas, artistas plásticos e agências de publicidade.

O foco dos projetos são escolas públicas, na faixa da pré-escola até a oí-

tava série do primeiro grau. As propostas surgem da comunidade e incluem sempre o compromisso, da parte da direção da escola, de se empenhar, num trabalho de equipe, pela melhoria do ensino. A Natura faz questão de participar da gestão, o que para ela parece mais importante do que simplesmente prestar ajuda financeira.

Parceria — Não é isso o que diretores e professores esperam nos primeiros contatos com a empresa. "Às vezes, pagamos o pedágio de fornecer latas de tintas e outros materiais, mas isso funciona como senha para em seguida discutir os problemas da escola", informa Guilherme Leal. Foi o que ocorreu, por exemplo, na escola estadual Matilde Maria Creem, vizinha da fábrica da Natura em Itapecerica da Serra (SP).

Encarada com certa desconfiança no princípio, a parceria evoluiu da ajuda financeira para uma participação efetiva na administração.

A empresa gasta R\$ 50 mil por ano nesse projeto, cuja ênfase é a capacitação dos professores e a adoção de uma gestão democrática e participativa, com valorização dos sentimentos da cidadania e da solidariedade. Desafios e soluções são debatidos em conjunto, numa experiência que vai dando certo.

Entre várias iniciativas, surgiu na escola o projeto *Se liga, Matilde*, que montou uma pequena fábrica de papel reciclado. É uma oficina de preservação ambiental que funciona como um clube formado por 18 colaboradores, ou seja, alunos que se dedicam à fabricação de papel fora do horário das aulas. Essa atividade paralela de complementação escolar tem produzido frutos inesperados.

Um exemplo é a reconquista de Claudemir Silva Nascimento de Oliveira, um rapaz de 17 anos que havia perdido o interesse pelos estudos e só aparecia na escola para perturbar os colegas. Claudemir engajou-se na oficina e se envolveu de tal forma com o projeto que resolveu renovar a matrícula. "Eu era muito bagunceiro e tinha parado de estudar, mas vou voltar à quinta série no próximo ano, porque é melhor estar aqui do que na rua", disse Claudemir, que foi designado coordenador do clube. Os índices de evasão escolar, antes muito altos, caíram para apenas 3% em 1997. A expectativa é de que, no ano que vem, não ultrapassem o patamar de 1%.